



Bate-Papo com Ramon de Oliveira Santana

Fonte: arquivos da 1ª Ocmea (2006).

Ramon de Oliveira Santana

Licenciado em Química pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana.

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA) UFS/São Cristóvão/SE.

Professor da Universidade Estadual do Amapá

Entrevista realizada pela Profa. Ms. Assicleide da Silva Brito

(e-mail: assicleidebrito@gmail.com)

Arquivo Projeto OCMEA



Assicleide: Qual é e como é sua atividade profissional?

Ramon: Sou professor do Curso de Química Licenciatura da Universidade Estadual do Amapá. Trabalho com Introdução ao estudo da Química, Química Geral, Metodologia, Instrumentação e Prática Docente. Venho desenvolvendo atividades que têm como objetivo entender a importância e a natureza do conhecimento científico, com um intuito de construir uma identidade docente, na qual valorize a autonomia do professor e a valorização dos saberes culturais, especificamente, os saberes amazônicos.

Assicleide: Como foi seu contato com a OCMEA?

Ramon: A OCMEA foi o projeto que me proporcionou o primeiro contato com os alunos da escola pública. Com essa relação estabelecida, foi possível entender e deslumbrar na prática o meu papel como educador em ciências. Lembro que o frio na barriga, as incertezas e a dificuldade de me expressar preenchiam meus pensamentos e tiravam meu sono. Mas,

a experiência foi magnífica, apresentei uma oficina sobre densidade dos materiais para alunos do 6º ano. Nossa oficina foi bastante interativa e fizemos uso de experimentos para discutir o conceito.

Assicleide: Qual sua opinião sobre a OCMEA?

Ramon: A OCMEA é um projeto que não visa apenas à formação inicial dos professores, mas consigo observar a importância dele para a universidade e a comunidade escolar.

Para os futuros professores em formação, vejo como uma iniciativa de aproximá-los da dinâmica da sala de aula, desenvolvendo atividades que saem do padrão quadro, pincel e apostila. As temáticas escolhidas exigem do acadêmico uma pesquisa de outros saberes e o conhecimento científico assume o seu papel no momento e local correto. Vejo também que muitos acadêmicos pegavam as temáticas que trabalhavam nas pesquisas de laboratório e as transformavam em um saber escolar.

Para a Universidade, professores e técnicos administrativo, existe uma mobilização que ajuda na



aproximação com a comunidade, pois muitos deles estão há anos envolvidos com a comunidade acadêmica sem um contato com a comunidade da Educação Básica.

Para a comunidade escolar, os professores das escolas têm a oportunidade de dialogar com professores da universidade, vivenciam as oficinas e criam relacionamentos. Os estudantes da Educação Básica ficam encantados, pois a mística de estar na universidade é algo que ajuda no despertar pelo universo. Com isso, oportunizando a esses estudantes o contato com os diferentes cursos. A participação dos alunos da Educação Básica nas oficinas do evento OCMEA contribuiu para que muitos fizessem a opção pelo curso de formação a partir da identificação com as atividades e discussões presenciadas nas oficinas.

Assicleide: A OCMEA tem alguma relação com sua vida profissional? Se sim.

Ramon: Entrei no Curso de Química querendo aprender muita Química para “transmitir” aos meus alunos. Com a OCMEA tive a oportunidade de entender que o trabalho em sala de aula é uma constru-

ção, cujos questionamentos ajudaram a entender a importância da reflexão contínua da minha prática docente, sem contar que o olhar para sala de aula ajudou na construção do projeto de mestrado. O olhar para ciência, o olhar para prática pedagógica, o olhar para pesquisa, a valorização dos saberes culturais, posso afirmar, com prioridade, que essa experiência ajudou e muito.

Atualmente, desenvolvo um projeto intitulado: “OFICINAS TEMÁTICAS NO ENSINO DE QUÍMICA: Aproximando o licenciando em química da realidade escolar”. Trabalho o referido projeto na disciplina de Prática Pedagógica, onde os alunos escolhem uma temática do Amapá e elaboram uma oficina. Escolhemos uma escola e ofertamos a oficina. O referido projeto tem grande influência da experiência vivenciada da OCMEA, podendo até afirmar, não desvalorizando a grandeza que é a OCMEA, como sendo um dos seus filhos.

Ramon de Oliveira Santana

*Prof. Mestre no Departamento Química Licenciatura da Universidade Estadual do Amapá
(e-mail: santana.r.de.o@gmail.com)*

Entrevista realizada por Edinéia Tavares Lopes (edineia.ufs@gmail.com)

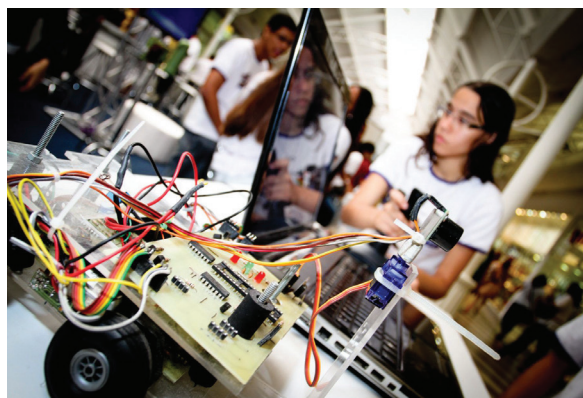
Bate-Papo com José Ricardo Santana

Prof. José Ricardo de Santana
Diretor Presidente da FAPITEC/SE
Fone/Fax: (79) 3259-3007
Site: www.fapitec.se.gov.br

Edinéia: Por favor, esclareça aos nossos leitores o que é FAPITEC e sua função.

José Ricardo: A FAPITEC/SE é uma fundação pública, vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia (SEDETEC). Em praticamente todos os estados brasileiros existe uma fundação de amparo à pesquisa como a FAPITEC/SE, com o objetivo de fomentar ações de ciência, tecnologia e inovação. Nós captamos recursos de agências federais, que, somados aos recursos estaduais, possibilitam financiar programas de bolsas de estudos, projetos de pesquisa científica e tecnológica e ações de divulgação científica. O papel principal da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE) consiste em selecionar os melhores projetos, a fim de repassar os recursos disponíveis.

Edinéia: Por favor, esclareça aos nossos leitores o que é popularização da Ciência.



Arquivo Fapitec/SE

José Ricardo: Aquilo que se convencionou chamar popularização da ciência está situado na FAPITEC/SE no programa de difusão científica, que abrange ações de divulgação de resultados técnicos, como ocorre em um congresso científico, e ações de



sensibilização para a importância da ciência. Nessa última vertente está a popularização da ciência.

Edinéia: Qual o papel da FAPITEC nas ações de popularização da Ciência no estado de Sergipe?

José Ricardo: O papel da FAPITEC/SE consiste em injetar recursos para fomentar projetos de popularização da ciência, selecionados por meio dos programas disponibilizados pela fundação. Os programas são formatados em conjunto com a comunidade acadêmica, de forma prévia ao lançamento dos editais de seleção. A FAPITEC/SE tem buscado ampliar a área de atuação das ações e consequentemente os recursos destinados à popularização científica.

Edinéia: Quais os principais parceiros para as ações de popularização da Ciência promovidas pela FAPITEC?

José Ricardo: Falar dos parceiros é tocar na essência das ações de popularização científica. A FAPITEC/SE, como costumamos dizer, é na verdade uma grande motivadora para as ações acontecerem. Mas isso não seria possível sem as parcerias, tanto na execução como na mobilização de recursos. Em termos da disponibilização de recursos, é importante o papel do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e recentemente do Ministério da Educação (MEC), através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), além do apoio local, como o da Secretaria de Estado da Educação (SEED). E na execução, tem sido fundamental o envolvimento de pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa - como Universidade Federal de Sergipe (UFS), Instituto Federal de Sergipe (IFS), Universidade Tiradentes (Unit) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), para citar apenas aqueles mais próximos da organização -, e também de professores de diversas escolas públicas e privadas em Sergipe. Uma parceria de extrema relevância para as ações desenvolvidas em Sergipe nos últimos três anos tem sido o projeto CIENART, coordenado por professores da UFS. Trata-se de uma ação que não apenas mobiliza os professores e alunos das escolas, mas também capacita-os na elaboração de projetos, tornando-os aptos a participarem dos editais da FAPITEC/SE.

Edinéia: Como são realizadas essas ações?

José Ricardo: As ações de popularização são viabilizadas pela FAPITEC/SE de duas maneiras. Uma forma é a mobilização direta com as instituições parceiras. Outra forma é o lançamento de editais específicos, nos quais os pesquisadores das instituições apresentam projetos de popularização científica buscando financiamento.

Edinéia: O senhor pode citar algumas delas?

José Ricardo: A ação de mobilização mais conhecida ocorre durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, que tem uma temática diferente a cada ano. Nessa ocasião, ocorrem diversas atividades propostas pelas instituições parceiras e pela própria FAPITEC/SE, como a feira anual de ciências, onde reunimos projetos de escolas públicas e privadas, além dos resultados de projetos fomentados pela fundação. Em relação ao fomento, é lançado a cada ano o edital de olimpíadas científicas e projetos de popularização científica, através do qual são financiados projetos voltados a esse tema. Além disso, estamos buscando ampliar as ações voltadas a educação básica, seja em pesquisa ou em ensino. Em pesquisa, lançamos o edital de bolsas de iniciação científica junior, em conjunto com o CNPq. E em ensino, lançamos o edital de projetos de educação básica, em conjunto com a CAPES. Nessas ações, buscamos também fazer com que os projetos também incluam cada vez mais atividades de popularização da ciência. Outras ações importantes são o edital do prêmio de divulgação científica e a edição da revista Pesquisa-SE.



Arquivo Fapitec/SE

Edinéia: Qual o público alvo dessas ações?

José Ricardo: No caso da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, que tem o objetivo de chamar a atenção para a importância do uso do conhecimento científico, busca-se atingir a sociedade de um modo geral, mas com uma ênfase especial nos alunos e professores das escolas de ensino fundamental e médio. Essa ação é incrementada ao longo do ano com os editais a que me referi anteriormente, tanto o de projetos de popularização como os demais, de estímulo à pesquisa e a atividades de ensino, que ocorrem em ambiente escolar. Busca-se ainda atingir os comunicadores, através do edital do prêmio de divulgação científica. Já no caso da revista Pesquisa-SE, que traz os principais resultados das pesquisas científicas fomentadas em Sergipe, busca-se atingir a própria comunidade acadêmica, além da sociedade em geral.



Edinéia: Por favor cite algumas ações ou resultados que, em sua opinião, se destacam como ações de popularização no estado de Sergipe.

José Ricardo: Em termos de resultados, constata-se o crescimento vertiginoso do número de projetos participantes da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O mesmo se verifica na participação de professores e alunos que participam das ações de popularização científica nos programas da FAPITEC/SE. Isso nos mostra que não apenas aumenta o interesse por ciência, mas também há um envolvimento direto daqueles que atuam na área de educação. Esperamos contribuir com o processo de estimular a formação de um número maior de pesquisadores, que é uma necessidade para o país.

Edinéia: Em sua opinião o que deve ser melhorado em termos de popularização da Ciência no Brasil e no estado de Sergipe?

Temos ainda um longo caminho pela frente. Podemos nos concentrar em três pontos. Em primeiro lugar, as instituições de pesquisa precisam intensificar a divulgação dos resultados dos projetos de pesquisa que elas executam. A sociedade sergipana tende a se surpreender com os bons resultados que apenas a comunidade acadêmica, quando muito, conhece. Em segundo lugar, as ações de popularização precisam ter uma participação mais efetiva dos estudantes. Não basta o estudante participar da pesquisa. É preciso que ele esteja empenhado em divulgar os seus resultados. Gostaríamos, por exemplo, de fomentar projetos dos próprios estudantes voltados a divulgação de resultados de pesquisa em redes sociais, que poderia inclusive ser utilizado como material de apoio didático nas escolas. Por fim, é importante estimular a formatação de espaços científicos, como museus interativos ou espaços similares, que possam receber projetos de divulgação científica com um novo formato, como uma exposição científica. Não estamos falando necessariamente de um espaço novo. Os próprios museus existentes podem abrir espaços para esse tipo de ação. O desafio está na adaptação do material, que normalmente está no formato de relatório, para essa nova forma de apresentação. É algo que precisa avançar, no intuito de atender ao interesse crescente da sociedade por temas relacionados à ciência.

Edinéia: Qual as perspectivas para a popularização da Ciência para este ano?

José Ricardo: Neste ano, a idéia é dar continuidade aos programas que temos realizado nos anos anteriores. Foram lançados o edital de olimpíadas e projetos de popularização e o edital de bolsas de iniciação científica junior; este último em parceria com o CNPq.

Os projetos devem ser contratados em breve. Deve ser contratado em pouco tempo também o edital de educação básica, lançado em parceria com a CAPES. Embora seja um ano de contenção financeira, estamos buscando parcerias para trabalhar com projetos de popularização que envolvam temas de interesse de Secretarias de Estado. O objetivo de levar para as escolas temas de interesse de políticas públicas.



Arquivo Fapitec/SE

Edinéia: Há algo que não perguntamos que o senhor gostaria de falar?

José Ricardo: Um ponto que não tocamos, mas que é fundamental está na estabilidade das ações. É importante perceber que os resultados em ciência e tecnologia são obtidos de modo consistente quando há continuidade das ações. Em geral, os projetos envolvem não apenas a formação do conhecimento em um tema, mas a formação de pessoas. Parar um projeto e desmobilizar uma equipe pode significar perder o projeto, por impossibilidade de retomá-lo. Os pesquisadores seguem para outros projetos, onde há condições, seja aqui no estado ou em outros locais. Nesse sentido, não é possível continuar atuando sem previsibilidade nos cronogramas e nos recursos financeiros. A cada ano, temos que nos deparar com a situação de insegurança em relação à continuidade dos programas e ao pagamento de compromissos assumidos em projetos já contratados. Isso atrasa bastante o lançamento dos editais e gera instabilidade desnecessária na comunidade acadêmica, além de perda de tempo dos gestores para resolver todo ano coisas que poderiam ser praticamente automáticas, como a disponibilização de recursos de fomento para os programas. É assim que ocorre em diversos outros estados. Felizmente temos tido a compreensão da Secretaria da Fazenda e da Secretaria de Planejamento em relação à continuidade das ações. Mas é urgente modificar o marco legal que regula a tramitação dos recursos de ciência e tecnologia em Sergipe. Esse é caminho necessário para consolidar e ampliar as ações de ciência e tecnologia em Sergipe. Seremos então mais efetivos no esforço de estimular a formação de pesquisadores, por meio das ações de popularização científica.